

A crítica de imprensa e o romantismo

1.

Racine e o café passarão, dizia madame de Sévigné ». Conhecemos pessoas que não perdem a esperança de ver esta profecia se cumprir, e para as quais o século 18 deu, em vão, uma contraprova formal desta singular afirmação. Beber é uma moda que não muda nunca. O uso dos licores varia, e com a idade de ouro de nossos pais, talvez o bom gosto volte. O vinho pode, aqui, recuperar uma honra exclusiva, como produto nacional; ainda nos embriagaremos do seu patriotismo; os jovens senhores tropeçarão como no tempo de Chapelle; nossos Despréaux, nossos La Fontaine retornarão ao cabaré por muito tempo abandonado. Quanto a Racine, o senhor Schlegel se encarregou da sua derrocada ; hoje há apenas um pequeno número de incrédulos que ousam prejudicar a imortalidade do poeta e a da bebida que nós devemos à Arábia.

(*Le Constitutionnel*, 14.05.1816)

2.

Primeiramente, eu devo declarar que nem eu nem meus amigos nos interessaremos por nenhuma obra que não seja plenamente constitucional. Nos queremos a Carta: nos pensamos que a força dos monarquistas está na franca adoção da monarquia representativa. Seus inimigos sentem isso tão bem, que eles temem somente nesse terreno: da mesma maneira, veja como eles fazem para os perseguir! "Nós tomamos a Carta como um manto, dizem eles; mas no fundo do coração nós juramos a perda da liberdade, o reestabelecimento do antigo regime, o retorno dos privilégios, da inquisição e da feudalidade."

Com efeito, é assim que eles podem nos combater: se eles admitirem uma só vez que nós somos sinceros nas nossas opiniões constitucionais, o seu império acabaria.

O que quer que seja dessas acusações, dessas mentiras com as quais alguém se sente obrigado a combater os seus adversários, *o Conservador* defenderá a religião, o Rei, a liberdade, a Carta, e as pessoas honestas, fora isso, nem eu nem meus amigos nos interessaremos por outro assunto.

(Chateaubriand - *Le Conservateur*, tome I, 1818, p. 7)

Quanto mais defendermos os princípios da verdadeira liberdade, mais nós clamaremos para os cidadãos a garantia e a igualdade de direitos, e mais nós deveremos nos levantar contra tudo o que ultrapassa os limites colocados pela experiência, marcados pela Sabedoria. Nós esbravejaremos contra os propagadores dos princípios que nos perderam. Nós repetiremos que sem o Rei, sem a autoridade real em toda a sua majestade, em toda a sua plenitude, este é o fim da nossa pátria. Respeito, amor, veneração ao nosso augusto Monarca. Fora da monarquia dos Bourbons não há salvação. E pode-se crer que os demagogos que gritam a liberdade erigem para ela um altar em seus corações? Eles jamais a amaram; eles jamais a serviram. O que eles desejam é o rebaixamento de tudo que está acima deles. Eles aceitarão amanhã o despotismo, contanto que ele seja feito como em 93. O seu amor

ela liberdade é ódio e inveja; a república que eles querem, é uma república de escravos, a democracia dos cemitérios, o nível da morte. Matem os padres e os nobres: e tudo os parecerá bom, Argel ou Marrocos. Sobre tudo nada de religião! Ela se opõe demais às injustiças, cura feridas demais, excita muito remorso. Flagelo do gênero humano, há doutrinas que devastam o mundo, e das quais podemos dizer o que Atila dizia do seu cavalo: a erva não cresce mais por onde elas passaram.

(Chateaubriand - *Le Conservateur*, tome I, 1818, p. 40)

3.

Uma famosa mulher, Mme de Staël, deixou-se seduzir pela poesia desses tempos remotos [Idade Média] ao defender que a feudalidade foi mais honrável para a espécie humana que a monarquia absoluta, pelo fato de garantir a liberdade de um número maior de indivíduos. Eu não consigo conceber como é possível profanar o nome sagrado da liberdade a ponto de oferecê-lo a essa paixão desenfreada pelo despotismo que faz um homem se tornar hostil aos seus semelhantes, que o faz buscar todos os meios para empregar a opressão sobre eles. Eu não dou esse belo nome à licença dos senhores feudais; e quando eu vejo uma nação dividida em duas partes, os tiranos e os escravos, eu não posso consentir aos primeiros o título de homens livres. Eu somente honro com esse título aqueles que protegem a liberdade dos outros. A liberdade, a meu ver, só existe pela comunicação e pela reciprocidade. É verdadeiramente livre aquele que, obedecendo às leis, consagra todos os seus esforços a impedir que essas leis não sejam esquecidas com relação aos outros. Não há liberdade sem leis; sem elas só há licença e tirania. O direito de tudo fazer, de dispor ao seu prazer da sorte e da vida dos homens, o que pode isso ser, senão o despotismo? E se nada é mais degradante que o despotismo, mesmo para aquele que o exerce, uma estado onde o número de déspotas é imenso é mais vergonhoso aos olhos da humanidade que aquele onde um só conspira contra a liberdade de todos.

(*Le Constitutionnel*, 25.07.1819, p.1)

4.

Então as regras são atacadas; então chama-se o gosto de fraco e covarde; invoca-se a anarquia para reinar em detrimento dos direitos e do gênio. Então um homem de espírito pode iludir por um momento e fazer hesitar entre ele e o gênio, foi isso que vimos, em duas épocas, em Sêneca e Voltaire. A alma do poeta deve ser esta harpa sobre a qual passam as tempestades. No tempo de Homero, todas as imaginações haviam se emocionado com a luta entre a Grécia e a Ásia, e a *Iliada* retraiu os seus eventos. Hoje tudo foi abalado; a sociedade inteira se ocupou com o combate entre o bem e o mal; as duas doutrinas que sempre dividiram o mundo parecem disputar o universo, como a luz e as trevas: um verdadeiro poeta, para agradar os espíritos, deve então falar daquilo que os agita; é preciso que ele tenha sido tocado pelo que toca as outras almas. Mas aí daquele que entrar no caminho das trevas! Se, como lord Byron na Inglaterra, ele pertencer às doutrinas do mal.

Lord Byron é incontestavelmente poeta pela expressão; mas seu gênio brilha como um sinistro meteoro: seu talento, que lhe havia sido dado para conduzir, desorienta.

Em vez de ser este farol elevado no meio das tempestades, ele se assemelha a estas luzes que se elevam sobre os precipícios.

(*Le Conservateur*, T. 6, 1820, p. 509)

5.

Quando o movimento revolucionário empregado na França veio a se extinguir, quando as tentativas de governo regular começaram a recolocar um pouco de calma nos espíritos, uma tendência natural de um povo educado deveria nos reencaminhar em direção à literatura. Ela não havia sido em nada estéril mesmo durante a nossas desordens; mas, como um solo rico porém mal cultivado, a vimos produzir, por um lado alguns frutos vigorosos e, por outro, algumas silvas, alguns espinhos e toda uma safra de ervas parasitas. Reinava no império literário a mesma confusão que havia reinado durante tanto tempo no império político. As antigas doutrinas estavam jogadas por terra; a arte havia caído no desprezo; não havia mais o século de Luis XIV para nós. Ideias, umas justas e profundas, mas não maduras o bastante e tomadas no seu sentido absoluto, outras arriscadas ou falsas, um ardor inquieto de se lançar além de um horizonte que parecia circunscrito demais, novas necessidades do espírito nascidas de novas circunstâncias, uma ousadia em tudo, que se assemelhava à temeridade, uma superabundância de energia que se alia raramente com a severidade das regras e as delicadezas do gosto pareciam ter mudado tudo entre nós.

(*Journal du commerce [Le Constitutionnel]*, 01.12.1818, p. 3)

6.

O RECRUTADOR POLÍTICO

Sátira

*E a luz luziu nas trevas
E as trevas não a compreenderam*

Não, todos os vossos bons discursos não me converteram.
E por que quereis que eu abrace um partido?
Já não é o bastante que livreiros insolentes
Prefiram os panfletos às minhas obras singelas?
É pouco demais que um desprezo estúvido
Prescreva essas belas-artes que tomam meu coração.
E que o Pindo, graças ao nome de República,
Veja em seus verdes bosques reinar a política?
É preciso em todo o lugar se passar por um espírito perverso
Ou me unir aos ingratos que desdenham meus versos,
E, para continuar francês, título que me recusam,
Ao jugo liberal devo eu curvar a minha musa?
Ah! Eu quero ser um bobo e, longe das vossas bandeiras,
Rimar sem ouvinte, mas rimar em paz;

Eu quero, como um urso, na minha toca solitária,
Pensar com Pascal, rir com Voltaire;

(V. Hugo - *Le Conservateur littéraire*, 11.12.1819, 1^o livraison, p. 3)

7.

O espaço nos falta para multiplicar as citações. Nós não examinaremos até que nível está fundada a comparação que quisemos estabelecer entre Thomas Moore e W. Scott, que nós acreditamos ser muito superior ao poeta irlandês. As obras de Thomas Moore que agradarem de maneira geral, chocarão contudo o gosto de alguns campeões do *clássico*, sem que eles possam dar o motivo da sua severidade. A poesia romântica, por suas formas vagas e indecisas, escapa à crítica: semelhante a esses anfitriões fantásticos do Éliseu pagão, que chocavam a vista, mas escapavam à mão de quem os quizesse apanhar.

(V. Hugo - *Le Conservateur littéraire*, 17.06.1820, 15^o livraison, p. 261)

8.

É assim que nós traremos, no exame desses novos ensaios poéticos, um espírito desprovido de toda precaução de facção ou de círculo social. O autor não terá do que reclamar quanto a nossa parcialidade; e se nós nem sempre estivermos de acordo, ele poderá argumentar sobre a impressão que as suas poesias nos terão causado e não sobre opiniões prontas sobre o gênero ao qual elas pertencem.

(*Le Conservateur littéraire*, 22.07.1820, 17^o livraison, p. 88)

9.

Desde que a literatura virou domínio da política, não se pode publicar uma obra sem que ela seja imediatamente adotada por um partido e rejeitada pelo outro. O autor, alternadamente elevado ao céu ou rebaixado ao chão, protesta em vão contra as sentenças passionais e contraditórias dos seus juízes. Ele é condenado a suportar ao mesmo tempo a humilhação dos elogios mais exagerados e o desgosto das críticas mais injustas.

(*Le Conservateur Littéraire*, 05.02.1820, 5^o livraison, p. 246)

10.

A crítica literária não será negligenciada nesta folha; não se pode negar (e nós gostamos de reconhecer) que ela não deixa de ser praticada em alguns jornais, e particularmente em um deles, tanto com espírito quanto com erudição. Os princípios ortodoxos da língua e do gosto encontram nele hábeis e ardentes defensores que

jamais deixaram passar nenhuma heresia sem a pulverizar: estes são os *pais* da crítica. Contudo, se é difícil concorrer com eles na direção que eles adotaram, outros caminhos se apresentam, caminhos que nós podemos experimentar com a esperança de ser útil, ou ao menos sem o receio de os encontrar.

Ainda que as regras da arte sejam imutáveis como as leis da natureza, a fisionomia das literaturas varia com os séculos e a crítica deve necessariamente ter também a sua parte variável. Ela consiste em extrair e determinar as novas relações entre uma literatura que se modifica e o tipo eterno do *belo*. Ora, tendo a revolução francesa jogado a sociedade em vias desconhecidas e combinações ímpares, a literatura, que é a expressão da sociedade, sentiu profundamente essas violentas agitações e essas estranhas inovações. A crítica, por sistema ou hábito, parece ter ficado um pouco atrás do movimento geral. Como resultado, ela nem sempre é suficientemente aplicável à literatura atual.

(*La Muse française*, t. I, 1823, p. 3-4)

11.

Assim, a rigor, o romantismo prático é uma coalizão animada por interesses diversos, mas que possuem um objetivo comum, a guerra às regras, às regras de convenção. Se houvesse entre elas algumas que fossem legítimas e razoáveis, elas seriam certamente poupadas, mas somente depois de terem sido submetidas ao exame do vencedor: pois não é mais o momento de confiar na palavra, e triste daquelas que só poderão se valer da sua antiguidade.

Se o despotismo oligárquico da academia é mortal ao bom gosto, a soberania do povo também o é. Mas só há no mundo a soberania do povo e o despotismo? Não podemos então escolher o governo fonte de todas as luzes e de toda a verdade, móvel como a sociedade, estável como a razão, guardião igualmente seguro da ordem e da liberdade, contanto que ele seja executado lealmente, em uma palavra, um governo representativo. Pois bem, é precisamente para estabelecer esse governo que nós pedimos a independência. Ao artista pertencerá a iniciativa, mas ao público o *veto*. Não haverá então independência absoluta nem de um lado nem do outro; o artista cairá sob a jurisdição do público, e o público sob a do artista que será capaz de obedecer ou de resistir aos seus caprichos; e dessa dupla dependência, dessa dupla liberdade, nascerão as leis do gosto menos imperfeitas, menos arbitrárias que poderíamos esperar neste mundo.

(*Le Globe*, 02.04.1825, p. 444-445).

12.

A Carta que ele quer nos outorgar é restrita. “Isso é bom? Isso é ruim? De resto, nem elogios nem reprimendas pelas cores empregadas, mas sim pela maneira que elas são empregadas. Examinem como o poeta trabalhou e não sobre o quê e por quê?”

– Eis a lei. Isso não é sentimento de artista e inteligência poética, sem ofensas ao legislador; e eu não conheço um só alma de leitor um pouco forte que não ultrapasse esses limites. Aliás, quanto mais gênio tiver o poeta, mais vivo será o impulso no leitor; mais ele se tornará poeta ele próprio, e se deixará levar pelo capricho da sua imaginação, mais ele se sentirá compelido a pedir explicações ao poeta sobre o seu assunto, os motivos da sua escolha, da sua composição, das suas cores. E triste, o que quer que diga o Sr. Hugo, triste da obra que não suportar tais questões. Pois aí reside toda a arte; e a crítica tão desdenhada nada mais é que a lembrança dessas leis supremas da arte que cada leitor proclama e sanciona, segundo as suas próprias luzes, como simpatia ou antipatia pelas criações de um artista. Há mais, a pequena questão isso é bom? Isso é ruim? Acarreta todas as outras; e, em vão, eu gostaria de ver o nosso mestre em crítica operar nesse estreito terreno.

(*Le Globe*, 21.01.1829, p. 42)

13.

O tempo não está mais para poéticas; que isso seja dito sem ofender ao Sr. Villet-Leduc, cujo excelente tratado em breve confirmará a nossa asserção. Não, o tempo não está mais para a obediência passiva; ele está para a dúvida, para o exame, para a crítica, ou melhor, para a poesia. Após ter vencido na religião, na filosofia, na política, o princípio da liberdade incarnou nas criações do espírito e nas artes de imaginação. Todas as regras estabelecidas desde Aristóteles até Malherbe, e desde Malherbe até nós; todas as leis, desde aquelas que determinam a forma da epopeia, até as que fixavam imperiosamente o lugar de cesura, foram questionadas. Da oligarquia mais restrita, as letras chegaram pouco a pouco a uma plena democracia, onde todos têm direito a voto.

(...)

Mas uma ciência, exclama-se! O quê! Vocês se proclamam os defensores da independência em matéria de gosto, vocês se indignam ao ver a poesia sendo tratada como uma arte tendo seu *manual*, e querem fazer dela o anexo e corolário de uma ciência! Seria isso liberdade, e a contradição não é manifesta? Essa objeção demanda uma resposta; nos a daremos: O que é então uma estética, e o que é uma poética?

(...)

É arriscado definir uma ciência que está ainda em projeto. Contudo, já que é necessário, nós definiremos a estética, com relação à poesia, como o conhecimento de todos os fenômenos sentidos pela alma humana no *estado poético*. Reconhecer esse estado; mostrar no que ele difere do estado normal; dizer em que condições e em que circunstâncias as paixões e os sentimentos passam ao estado poético; percorrer a escala inteira das impressões dessa natureza que o espírito humano é capaz de provar, e deduzir desse conhecimento uma nova classificação dos gêneros (lírico, trágico, cômico, etc.), não mais fundados unicamente sobre a diferença artificial da forma, mas sobre a diversidade essencial das cordas interiores que a arte ou a realidade

fazem vibrar em nós; em uma palavra, estudar a nossa alma na infinita variedade dos prazeres que a visão poética do homem, da natureza, ou de si mesma pode engendrar. Tal é, num primeiro olhar, uma parte dos objetos que a estética deve abarcar.

(Le Globe, 07.10.1829, p. 636-637)